

ESCOLAS, ENTIDADES CULTURAIS E IMPRENSA NO RIO DE JANEIRO EM 1884

(Capítulos 25, 26 e 27 de **Rio-de-Janeiro: Quelques données sur la capitale et sur l'administration du Brésil**. Paris, Bibliothèque des Deux-Mondes/Rio de Janeiro, Livraria Internacional, 1886. Deuxième édition, págs. 240 a 266).

Émile Allain

Tanto o ensino primário como o secundário constituem, no Rio de Janeiro, uma dependência do Ministério do Império, a cargo dum Inspetor Geral secundado por um conselho diretor composto de vários membros.

Havia, em 15 de fevereiro de 1884, no Município, 94 escolas primárias públicas, metade para cada sexo, e das quais 68 na cidade propriamente dita e 36 nos subúrbios.¹

O ensino primário ministrado pelo governo é inteiramente gratuito, bem como o fornecimento de livros e cadernos, o mesmo ocorrendo em diversas províncias.²

Para a inspeção escolar, o Município Neutro³ foi dividido em 31 distritos correspondentes às **freguesias**, cada um confiado a um delegado incumbido de inspecionar as escolas públicas e visitar os estabelecimentos particulares, organizar a estatística escolar etc. Não sendo esta função remunerada, nem sempre o serviço é bem-feito e é quase sempre deficiente.

A instrução primária particular é ministrada em estabelecimentos que, na maioria, possuem também curso secundário. O número destes estabelecimentos era, na mesma ocasião, de 185, dos quais 27 subvencionados pelo Estado. Desse total, 77 destinavam-se ao sexo masculino, 55 ao feminino e 55 eram mistos. Frequentavam-nos, em 1883,

(1) O Ato Adicional de 1834 descentralizou o ensino primário, incumbindo a cada província legislar a esse respeito e prover às necessidades das escolas de sua jurisdição (*Revue de France et du Brésil*, de 31 de agosto de 1884).

(2) Um regulamento datado de 1854 tornou a instrução primária obrigatória no município do Rio de Janeiro, sob pena de prisão em casos de infração. Mas, como tantos outros regulamentos, também este jamais foi cumprido.

(3) Por este nome passou a ser designado, após o Ato Adicional de 1834, o Rio de Janeiro e seu termo, exatamente o que veio a constituir o **Distrito Federal** com a proclamação da República (N. do T.)

10.064 alunos, dos quais 6.710 do sexo masculino e 3.354 do feminino. A frequência média era de 7,375.⁴ A municipalidade incumbia-se também de algumas escolas e o próprio Imperador mantinha duas, uma na Quinta de São Cristóvão e outra na Fazenda Imperial de Santa Cruz.

O Estado possui apenas um estabelecimento de ensino secundário, o **Colégio Pedro II**, dividido em internato e externato, e cujo programa compreende, além do estudo do latim, do grego e do português, mais quatro línguas vivas (francês, inglês, italiano e alemão) e as ciências físicas e naturais. Os professores são escolhidos por concurso e devem ser brasileiros natos. A duração do curso é de sete anos, findos os quais e após o exame final, os poucos alunos que completam o curso recebem o grau de **Bacharel em Letras**, o que lhes dá direito de ingresso nas escolas superiores. Em 1884, 608 alunos freqüentavam o Pedro II.

Todos os demais estabelecimentos de ensino secundário são particulares. Seus programas são menos extensos, pois não compreendem o grego, o italiano e o alemão nem as ciências físicas e naturais. Em geral, não exigem do corpo docente nenhuma prova de habilitação nem estão submetidos à inspeção oficial, consagrando-se exclusivamente a preparar alunos para os **exames preparatórios**. Assim se denominam exames parcelados, cujo conjunto permite a inscrição aos cursos superiores. São em número de onze, implicando as seguintes matérias: latim, português, francês, inglês, história, geografia, retórica, filosofia, aritmética, geometria e álgebra. Todavia, o máximo de exames preparatórios requerido não vai além de dez, porque a álgebra não é exigida para o curso de Direito nem a retórica para o de Medicina.⁵ Estes exames se realizam com pouco rigor *perante bancas nomeadas anualmente, mas de excessiva indulgência para com os candidatos*. E o mesmo ocorre com os outros tipos de exames ou concursos.⁶

Se a situação tanto de ensino público como do particular está longe de satisfatória, deve-se louvar irrestritamente os esforços de diversas associações que mantêm cursos gratuitos, geralmente noturnos, e sem distinção de nacionalidade. As mais importantes destas entidades são:

(4) **Relatório apresentado ao Ministério do Império em 15 de fevereiro de 1884 pelo Dr. A. H. de Souza Bandeira Filho, Inspector Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte**. Estas cifras talvez estejam abaixo da realidade, considerando-se que não há nenhuma estatística escolar correta. Conseqüentemente, é impossível estabelecer a proporção dos iletrados.

(5) O número dos **preparatórios** deverá brevemente ser aumentado.

(6) As inconveniências deste sistema, imitado, parece-nos, de Portugal, saltam aos olhos. A mais grave é que dificulta a organização de cursos graduados, onde as diversas matérias do currículo sejam estudadas até à conclusão do curso. E ainda avilta a dignidade dos professores, dos quais se solicita bem menos capacidade docente do que habilidade para receber o maior número de alunos em sua especialidade. Não se deve atribuir a responsabilidade desta lastimável situação apenas aos inspetores gerais e, menos ainda, a um funcionário distinto como o Dr. Emídio Vitério da Costa, que dirige atualmente o serviço, mas ao próprio sistema, aos costumes e à indulgência do governo.

O **Imperial Liceu de Artes e Offícios**, mantido pela Sociedade Propagadora das Belas Artes, fundada a 24 de novembro de 1856 por Francisco Joaquim Bittencourt da Silva. Desde 1878 funciona num antigo edifício público na Rua da Guarda Velha e recebe subvenção do Estado. Trata-se de magnífica instituição franqueada a ambos os sexos, sem qualquer distinção de nacionalidade. Em 1884 frequentaram-na 1.641 alunos do sexo masculino e 552 do feminino, havendo para estes uma ala reservada no edifício. As matérias ministradas (no referido período letivo) foram: português, francês, inglês, alemão, aritmética, álgebra, geometria (plana, no espaço e descritiva), geografia, física, química mineral e orgânica, economia política, anatomia humana aplicada, caligrafia, música, escrituração mercantil, desenho (elementar, ornamental, figurativo, geométrico, de máquinas, de arquitetura e escultura). Os professores, em número de 87, e de diversas nacionalidades, não recebem nenhum pagamento pelas suas aulas.

Liceu Literário Português, de instrução primária e secundária, fundado em 1868 por diversos elementos da colônia portuguesa e sediado, desde 11 de junho de 1884, em belo edifício próprio. Seu programa de estudos, além do ensino primário, compreende história, francês, inglês, alemão, italiano, matemática, ciências físicas e naturais, instrução moral, desenho e um curso de navegação. E é ainda dotado de pequeno observatório. Sua frequência, em abril de 1884, era de 1.023 alunos; de diversas nacionalidades, porém predominando brasileiros e portugueses.⁷

Associação Promotora de Instrução, com três escolas. Esta utilíssima entidade foi fundada a 19 de janeiro de 1874, sob os cuidados do Conselheiro Manuel Correia. Seus cursos são noturnos e eram frequentados, no início de 1884, por 1.022 alunos de ambos os sexos. A **Associação** contava, em seu quadro social, com 728 membros, dos quais 168 senhoras. Sua despesa com a instrução é bastante elevada, alcançando nos dez primeiros anos de existência cerca de 252 contos de réis (630.000 francos, ao câmbio de 400). Entretanto — e tal como os outros dois estabelecimentos anteriormente citados — a **Associação** recebe muitas doações em livros, mobília, material escolar etc., e seus professores nada recebem.⁸ Os prêmios distribuídos e alguns de grande valor — são oferecidos por particulares, tais como os do Liceu de Artes e Offícios e do Liceu Português.

Apenas de dois estabelecimentos de ensino superior dispõe a cidade: a Faculdade de Medicina e a Escola Politécnica. A primeira originou-se da Escola de Cirurgia fundada por D. João VI e transformada em Faculdade de Medicina em 1882. O ensino consta, tal como na

(7) O Liceo Litterario Portuguez. Rio, 1884.

(8) Actas das sessões da Assembleia Geral e da Directoria da Associação Promotora da Instrução. Rio, 1884.

Faculdade da Bahia, de um curso de ciências médicas, tendo como anexos, os cursos de farmácia, de obstetrícia e ginecologia e de odontologia. Vinte e quatro eram as cadeiras em 1884. O ensino clínico é ministrado nos hospitais da Santa Casa de Misericórdia e D. Pedro II. Para o ensino prático conta a escola com catorze laboratórios perfeitamente equipados, possuindo, ainda, uma biblioteca especializada com mais de 32.000 volumes e um museu anátomo-patológico com belas coleções de peças de cera, algumas admiravelmente modeladas, preparadas sob a direção do Dr. Ossian-Bonnet, médico francês contratado para este serviço.

A Faculdade de Medicina passou ultimamente por uma grande reforma, iniciada em 1881 e concluída em 1884. Esta reforma, levada a efeito sob a direção do Dr. Saboia, tornou-a, segundo opinião de um autor estrangeiro, "a primeira da América do Sul, émula ou mesmo rival das melhores da Europa"⁹. O número de alunos em 1884 elevou-se a 1.034, dos quais 172 para o curso de farmácia.¹⁰ As mulheres têm ingresso a todos os cursos. No fim do mesmo ano, 104 estudantes receberam o grau de doutor em medicina e 40 o diploma de farmacêutico. Os médicos e as parteiras portadores de diploma estrangeiro devem submeter-se a um exame em português ou em francês para poderem exercer a profissão no País.¹¹

A Escola Politécnica denominava-se inicialmente Escola Central, adquirindo em 1874 a denominação atual. A partir de então, foi reorganizada, passando por sucessivas e importantes reformas. Seus laboratórios são bem equipados e seu corpo docente conta alguns professores estrangeiros, notadamente franceses.¹² Frequentaram-na em 1884 208 alunos (55 matriculados e 153 livres) e apenas um aluno recebeu o grau de bacharel em ciências físicas e naturais e dois outros fizeram jus ao grau de bacharel em ciências físicas e matemáticas. Atribuiu, ainda, a Escola quatro diplomas de engenheiro-geógrafo e 33 de engenheiro civil¹³.

(9) Artigo do dr. E. A. Poney, preparador de Histologia em *Le Progrès médical*, de 8 de novembro de 1884. N. do T.: O Dr. Saboia, aqui mencionado (Dr. Vicente Cândido Figueira Saboia, Visconde de Saboia) foi uma das grandes figuras do ensino médico no Brasil, tendo dirigido a Faculdade de 1881 a 1889. Viajou pela Europa a fim de estudar o que por lá se fazia nesse setor, tendo sido o responsável pela reforma que leva o seu nome e pela reestruturação das duas faculdades médicas brasileiras, segundo informa Lycurgo de Castro Santos Filho (*Pequena História da Medicina Brasileira*, p. 90. São Paulo, 1966).

(10) Na Faculdade da Bahia, neste mesmo ano de 1884, a matrícula foi de 537 estudantes.

(11) A Faculdade do Rio de Janeiro já tem diplomado excelentes médicos e hábeis cirurgiões.

(12) Entre estes, é justo citar o nome do Dr. Louis Couty (falecido em 1884) cujo saber honrava o nome da França e que tão assinalados serviços prestou ao Brasil (Ver seu livro *Le Brésil en 1884*). N. do T.: Sobre Louis Couty ver o que escreveu o Visconde de Taunay em *Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil*, págs. 42 a 60. São Paulo, Melhoramentos, 1932.

(13) Por cortesia, costuma-se no Brasil atribuir o título de **doutor** mesmo àqueles que a ele não façam jus, isto é, àqueles que não sejam senão **bacharéis** (equivalente ao nosso licenciado), como os diplomados pela Escola Politécnica e pelas duas Faculdades de Direito existentes no Brasil (São Paulo e Pernambuco). O título de **doutor** é muito ambicionado e dele se faz verdadeiro abuso, porque se acredita indispensável para os altos cargos da administração.

As escolas especiais mantidas pelo governo (fora as escolas militares, de exército e marinha) são em número de quatro: Academia de Belas-Artes, Conservatório de Música, Instituto de Meninos Cegos e Instituto de Surdos-Mudos.

A **Academia de Belas-Artes** data da época de D. João VI e seus primeiros professores foram artistas franceses. Foi freqüentada, em 1884, por 56 alunos. Suas exposições não têm data fixa, mas a última delas foi inaugurada a 23 de agosto de 1884, com 75 expositores, na maioria brasileiros, que apresentaram trezentos trabalhos. Embora o gosto pelas artes não seja muito generalizado no Brasil, o país já tem produzido alguns pintores e escultores de talento.¹⁴

O **Conservatório de Música** foi freqüentado (durante o mesmo ano de 1884) por 99 alunos, dos quais 71 do sexo feminino. Os brasileiros têm muita aptidão para a música: o Rio de Janeiro possui excelentes artistas do piano e do violino e o país diversos compositores de valor.¹⁵

O **Instituto dos Cegos** data de 1854 e contava, em 1884, 60 alunos de ambos os sexos, que ali recebiam instrução teórica e prática. Já o **Instituto de Surdos-Mudos** é bem mais recente (1877) e compreendia, no início de 1885, 28 alunos. Além da instrução literária, o Instituto ministra ensino profissional numa escola agrícola e nas oficinas de sapataria e de encadernação, que lhe são anexas. O ensino de linguagem articulada (método oral) foi introduzido em 1883 pelo Dr. Menezes Vieira.

A **Biblioteca Nacional** do Rio de Janeiro teve como núcleo inicial a velha **Biblioteca Real da Ajuda**, de Lisboa, e foi franqueada ao público em 1811. Quando do reconhecimento da Independência do Brasil, ela foi comprada ao governo português. Funcionou à Rua do Carmo até 1858, quando foi transferida para o edifício atual, em frente ao Passeio Público. Compreende cerca de 200.000 obras e é sobretudo rica em obras de teologia, direito, história antiga (portuguesa e espanhola) e em clássicos. Possui grande número de incunábulo (livros publicados antes de 1526), mais de 30.000 gravuras e numerosos manuscritos relativos à história do Brasil.

Entre suas raridades, são dignas de menção:

A Bíblia latina em pergaminho de Furst e Schaeffer, de Mayença, impressa em 1469; a Bíblia judaica ou Bíblia de 1553; a Bíblia poliglota de Ximenes, impressa entre 1514 e 1517; a primeira edição de **Os Lusíadas**, de Camões, de 1579; o manuscrito de uma Bíblia latina do ano

(14) Os que mais se destacaram, dentre os primeiros, são Vítor Meireles e Pedro Américo, professores da Escola. E, dentre os escultores, merece menção Bernardelli. O governo e o próprio monarca concedem bolsas aos jovens de vocação artística para que complementem seus estudos na Europa.

(15) O mais célebre é Carlos Gomes, autor do **Guarani**, **Fosca** e diversas outras óperas de valor.

As escolas especiais mantidas pelo governo (fora as escolas militares, de exército e marinha) são em número de quatro: Academia de Belas-Artes, Conservatório de Música, Instituto de Meninos Cegos e Instituto de Surdos-Mudos.

A **Academia de Belas-Artes** data da época de D. João VI e seus primeiros professores foram artistas franceses. Foi freqüentada, em 1884, por 56 alunos. Suas exposições não têm data fixa, mas a última delas foi inaugurada a 23 de agosto de 1884, com 75 expositores, na maioria brasileiros, que apresentaram trezentos trabalhos. Embora o gosto pelas artes não seja muito generalizado no Brasil, o país já tem produzido alguns pintores e escultores de talento.¹⁴

O **Conservatório de Música** foi freqüentado (durante o mesmo ano de 1884) por 99 alunos, dos quais 71 do sexo feminino. Os brasileiros têm muita aptidão para a música: o Rio de Janeiro possui excelentes artistas do piano e do violino e o país diversos compositores de valor.¹⁵

O **Instituto dos Cegos** data de 1854 e contava, em 1884, 60 alunos de ambos os sexos, que ali recebiam instrução teórica e prática. Já o **Instituto de Surdos-Mudos** é bem mais recente (1877) e compreendia, no início de 1885, 28 alunos. Além da instrução literária, o Instituto ministra ensino profissional numa escola agrícola e nas oficinas de sapataria e de encadernação, que lhe são anexas. O ensino de linguagem articulada (método oral) foi introduzido em 1883 pelo Dr. Menezes Vieira.

A **Biblioteca Nacional** do Rio de Janeiro teve como núcleo inicial a velha **Biblioteca Real da Ajuda**, de Lisboa, e foi franqueada ao público em 1811. Quando do reconhecimento da Independência do Brasil, ela foi comprada ao governo português. Funcionou à Rua do Carmo até 1858, quando foi transferida para o edifício atual, em frente ao Passeio Público. Compreende cerca de 200.000 obras e é sobretudo rica em obras de teologia, direito, história antiga (portuguesa e espanhola) e em clássicos. Possui grande número de incunábulo (livros publicados antes de 1526), mais de 30.000 gravuras e numerosos manuscritos relativos à história do Brasil.

Entre suas raridades, são dignas de menção:

A Bíblia latina em pergaminho de Furst e Schaeffer, de Mayença, impressa em 1469; a Bíblia judaica ou Bíblia de 1553; a Bíblia poliglota de Ximenes, impressa entre 1514 e 1517; a primeira edição de **Os Lusíadas**, de Camões, de 1579; o manuscrito de uma Bíblia latina do ano

(14) Os que mais se destacaram, dentre os primeiros, são Vítor Meireles e Pedro Américo, professores da Escola. E, dentre os escultores, merece menção Bernardelli. O governo e o próprio monarca concedem bolsas aos jovens de vocação artística para que complementem seus estudos na Europa.

(15) O mais célebre é Carlos Gomes, autor do **Guarani**, **Fosca** e diversas outras óperas de valor.

de 1300, escrita em pergaminho com caracteres microscópicos; uma coleção de cartas de Anchieta, Nóbrega e outros jesuítas que participaram das primeiras levas de missionários enviados ao Brasil e endereçadas ao superior da Ordem, em Lisboa.

A seção de gravuras é particularmente rica, compreendendo grande número de desenhos originais de grandes mestres e mais de 30.000 gravuras, entre as quais as coleções, dizem que únicas no gênero, de Barbosa Machado e a denominada **Araujana**, do Conde da Barca, em 195 volumes in-fólio, que se compõem do **Grand Théâtre de l'Univers** e das **Antiquités romaines**.¹⁶

Os serviços da Biblioteca, até então deficientes, foram reorganizados em 1876. Desde esse ano, a Biblioteca publica os **Anais**, muito interessantes e dedicados, em boa parte, à reimpressão de obras extremamente raras, como a gramática da língua "kiriri", do Padre Mariani, bem como à publicação de trabalhos originais valiosos, que a indiferença do público não teria permitido fossem publicados de outra forma, e ainda catálogos especiais bastante úteis.¹⁷ Seu diretor promoveu, a 10 de junho de 1880, uma exposição camoniana comemorativa do terceiro centenário do poeta, exibindo valiosas edições de livros de Camões, bem como obras que tratam de sua vida e produção.

Mas o mais valioso serviço prestado pela Biblioteca Nacional à ciência e à cultura foi a **Exposição de História do Brasil**, inaugurada a 2 de dezembro de 1881, cujo catálogo, publicado na mesma ocasião nos **Anais**, compreende mais de 19.000 títulos. Este catálogo, que, além de História do Brasil propriamente dita, abrange obras de história natural, lingüística, estatística referente ao Império, numismática etc., é tanto mais precioso quando se considera que o catálogo completo da Biblioteca até hoje não foi publicado.¹⁸

A Biblioteca Nacional está aberta diariamente, exceto no período de férias que, aliás, é curto, durando de 15 de dezembro a 15 de janeiro, e exceto também na Semana Santa. Esta bela instituição honra a capital do Brasil. Sua frequência média foi, em 1884, de 37 leitores por dia. A partir de 1º de junho de 1885 foi a Biblioteca dotada de iluminação elétrica.

A maior parte das obras consultadas é em português ou em francês. Vêm, em seguida, mas em proporção incomparavelmente menor, as obras em inglês, alemão, espanhol, italiano e línguas mortas.

(16) Estes informes foram extraídos do **Guia do Viajante no Rio de Janeiro**, de autoria de um erudito funcionário da Biblioteca Nacional.

(17) O texto aqui mencionado não se encontra nos **Anais da Biblioteca Nacional**. Deve ter havido algum engano do autor, quer quanto ao texto em si, quer quanto à publicação em que teria sido inserido. (N. do T.)

(18) Tanto a exposição, como a publicação dos **Anais** são devidos a Ramiz Galvão. **N. do T.:** O **Catálogo da Exposição de História do Brasil**, mencionado pelo autor, foi publicado nos **Anais da Biblioteca Nacional**, vol. IX, tendo sido, há pouco (1981) reeditado fac-similarmente pela Editora da Universidade de Brasília, com prefácio de José Honório Rodrigues.

Nas bibliotecas especializadas da Faculdade de Medicina e da Escola Politécnica, os livros consultados são, na maior parte, em francês ou traduções estrangeiras para a língua francesa.¹⁹

Outras bibliotecas públicas são as da Câmara Municipal, da Marinha, do Exército, da Faculdade de Medicina, da Escola Politécnica, da Escola Militar, do Museu Nacional e da Academia de Belas-Artes.

Entre as particulares, figuram em primeira plana a **Biblioteca Fluminense** e a do **Gabinete Português de Leitura**. Aquela, fundada em 1847, é a segunda em importância; pertence a uma sociedade particular mas a entrada é permitida ao público; dispunha, em 1884, de 40.000 volumes. Quanto à do Gabinete Português de Leitura, foi fundada em 1837 por uma sociedade portuguesa, mas que admite sócios de qualquer nacionalidade. É sobretudo rica de obras em português e francês. Por uma recente decisão, ela vai ser franqueada a qualquer profissional liberal, mesmo fora de seu quadro social. Todas estas bibliotecas dispõem de catálogos impressos.

A cidade possui, também, dois arquivos franqueados ao público: o **Arquivo Público do Império** e o **Arquivo Militar**.

O **Observatório Nacional**, atualmente de primeira qualidade, data de 1845 e foi fundado no antigo Colégio dos Jesuítas, no Morro do Castelo. Mas sua importância não data senão de 1871, quando um sábio francês, Emmanuel Liáis, assumiu sua direção, confiada no momento a outro ilustre astrônomo, Louis Cruls.²⁰ Encontra-se o observatório perfeitamente equipado e publica trabalhos valiosos. Seus **Anais** são redigidos em francês, e seu **Anuário**, em português.

O **Museu Nacional** foi fundado em 1818 com o nome de **Museu Real**. Insuficientemente dotado por muitos anos, foi reorganizado em 1876 e, hoje, é uma instituição que honra a Capital do Brasil. Valiosas

(19) O estudo da língua francesa é muito difundido no Brasil. Pode dizer-se mesmo que todos os brasileiros (de ambos os sexos) que receberam alguma instrução, compreendem-na e muitos a falam perfeitamente e até com grande pureza de expressão e pronúncia. Na maior parte, os livros adotados nas escolas superiores são escritos em nossa língua e, sem exagero, se pode afirmar que nossa literatura é mais conhecida que a própria literatura portuguesa. O inglês é muito menos familiar aos brasileiros, embora seja igualmente exigido nos estudos secundários. Muitos escritores brasileiros, notadamente médicos, têm publicado trabalhos em nossa língua e alguns já têm até tentado a poesia em francês. Ver, a respeito, o **Jornal do Comércio** e a **Gazeta de Notícias** de 23 de maio de 1885.

(20) O cientista belga Louis Cruls (1848-1908) vinculou seu nome a um dos mais importantes trabalhos de reconhecimento geográfico já levado a efeito em nosso País: a exploração do Planalto Central para a demarcação da área onde, nos termos da primeira Constituição da República (1891), deveria estabelecer-se a Capital do Brasil. O relatório que, então, apresentou ao presidente Floriano Peixoto, honra a ciência geográfica brasileira e, ainda hoje, se reveste de grande oportunidade. Foi publicado pela primeira vez em 1894 e reeditado em 1947 (Coleção "Brasileira", v. 258, da Companhia Editora Nacional) e em 1957 (Coleção "Documentos Brasileiros", v. 91, da Editora José Olympio). (N. do T.)

são as salas consagradas à etnografia das tribos indígenas. Divide-se o museu em três seções, cada uma tendo um diretor e um subdiretor que promovem, desde 1876, cursos públicos na sede do Museu.²¹ Os trabalhos realizados sob a administração do atual diretor, Dr. Ladislau Neto, foram consideráveis. Além dos laboratórios instalados e dos cursos científicos ministrados, deve-se mencionar, entre suas recentes realizações, a publicação de uma revista especializada, os **Arquivos do Museu Nacional**.²²

A cidade possui, ademais, um museu escolar criado em 1883 e mantido por uma associação presidida pelo Conde d'Eu.

A principal entidade cultural do Rio de Janeiro é o **Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro**, fundado aos 18 de agosto de 1838 e presidido pelo Imperador a partir de 1849.²³ O Instituto publica trimestralmente uma revista, cujos artigos são de valor desigual.²⁴ Sua biblioteca possui um grande número de manuscritos que seria desejável pudessem ser publicados. No início de 1885, seu quadro social compunha-se de 234 membros, dos quais 112 estrangeiros.

Ultimamente, duas outras sociedades geográficas foram fundadas na cidade: a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e a seção brasileira da Sociedade de Geografia de Lisboa.

O mais antigo periódico do Rio é o **Jornal do Comércio**, fundado em 1827 por um francês, Pierre Seignot Plancher. Muito importante sob o aspecto comercial e pela segurança de suas informações sobre a administração brasileira, pode ser considerado, quanto ao conteúdo, um dos jornais mais notáveis do mundo. As seções de anúncios e de **A Pedidos** são, nele, muito desenvolvidas.

A imprensa de boa aceitação, aquela destinada a exercer poderosa influência na opinião pública, é bastante recente. Foi iniciada a 2

(21) Um dos seus diretores, o Dr. Lacerda, descobriu, há alguns anos, um remédio contra a picada de serpentes, constante de injeções de permanganato de potassa. Desta maneira, este sábio salvou um número considerável de vidas, fazendo jus a que o governo lhe atribuisse recentemente um prêmio nacional. (N. do T.: Trata-se do Dr. João Batista Lacerda, nascido em 1846 e falecido em 1915, pioneiro da ciência experimental no Brasil e, de fato, o primeiro a estudar os venenos ofídicos. À época em que o autor escreveu, Lacerda não ainda o diretor do Museu, mas um dos seus assistentes; a direção, Lacerda só a assumiria em 1895, exercendo-a até o seu falecimento.)

(22) Ver: **Conférence faite au Muséum National, en présence de LL. MM. Impériales, le 4 novembre 1884, par le Dr. Ladisláu Netto, Directeur général du Muséum National de Rio-de-Janeiro.**

(23) O Instituto resultou, de fato, de uma proposta apresentada em 18 de agosto de 1838 à Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional por dois de seus diretores, o marechal Raimundo José da Cunha Matos e o cônego Januário da Cunha Barbosa. Todavia, foi só aos 21 de outubro do mesmo ano que a entidade se instalou e iniciou seu funcionamento regular, razão pela qual esta é a data considerada oficialmente de seu aniversário (N. do T.)

(24) Esta observação refere-se principalmente aos trabalhos sobre lingüística americana.

de maio de 1875 pela **Gazeta de Notícias**, de considerável êxito. Em 1879 apareceu a **Gazeta da Tarde**, especialmente dedicada à propaganda abolicionista, e em 1884 surgiu **O País**, renomado pela capacidade de seus diretores. Estes quatro jornais constituem, com a **Revista Ilustrada** e o periódico religioso **O Apóstolo** (aos quais evidentemente não se aplicam as considerações que seguem), os órgãos mais importantes da imprensa do Rio.

De crítica literária quase não cuida a imprensa brasileira. Os leitores se deixam guiar, em suas apreciações, bem menos pelo mérito das obras que pelas situações ou relações pessoais dos autores. Quanto aos folhetins, quase sempre são traduções de obras da subliteratura francesa.²⁵

Traço característico dos grandes jornais do Rio é a sua indiferença ou **neutralidade** (como dizem) em face dos dois grandes partidos em que se divide o Parlamento, os quais, na verdade, mesmo disputando encarniçadamente o poder, não se distinguem senão por fracas nuances.

As seções de reclames e de anúncios são muito importantes nos jornais brasileiros. Alguns deles são notáveis por sua originalidade. Assim, os avisos de mudança de nome, coisa comum no Brasil.²⁶

O que sobretudo distingue a imprensa brasileira e lhe dá um caráter particular, é a colaboração do público, por intermédio de uma seção especial habitualmente designada por **A Pedidos** e comum a todos os jornais, dos quais constitui a principal fonte de renda. Um qualquer pode, mediante preço estipulado, não somente expor suas idéias, mas ainda atacar violentamente seus adversários e inimigos. Vêem-se aí polêmicas travadas por homens renomados e das quais cada um sai diminuído em sua

(25) Aqui falamos apenas de maneira geral e se enganará quem aplicar estas observações, bem como outras que adiante faremos, a cada um dos jornais em particular. O autor que pretenda ser imparcial, impõe-se o dever de evitar qualquer sorte de individualismo. Assim, não há distinção entre os jornais do Rio, a não ser a que decorre de preferências individuais.

(26) Estes avisos começam geralmente assim: "Tendo chegado ao meu conhecimento que existe pessoa com o mesmo nome que o meu, venho comunicar ao público que doravante passarei a assinar... etc.". Em geral o novo nome nada tem com o antigo. É hábito muito frequente acrescentar-se ao nome de família um nome brasileiro de planta, animal ou tribo indígena, ou, às vezes, um nome ilustre da história portuguesa, como Albuquerque, Castro, Mascarenhas, Alcântara (nome dos príncipes do Brasil e de Portugal). É exata a afirmação que cada qual pode mudar de nome à vontade e não compreendemos como os magistrados encarregados dos atos civis fazem para reconhecê-los e identificá-los.

Nos nomes de batismo notam-se hábitos que nos parecem estranhos: muitos deles são extraídos da história grega ou romana ou de romances históricos: Ovídio, César, Pompeu, Cícero, Virgílio, Euclides, Atanagildo, Enrico, Hermógenes etc. O mesmo ocorre com os nomes femininos.

No Brasil, como em Portugal, é hábito chamar as pessoas pelo seu primeiro nome de batismo, o que resulta em grande dificuldade para os estrangeiros quando consultam uma lista alfabética ou uma bibliografia, encontrarem nomes de pessoas que conhecem bem, mas cujos prenomes ignoram. Este hábito, pouco racional, tende a desaparecer.

dignidade: médicos jactarem-se de suas habilidades em detrimento de seus colegas; professores de escolas superiores acusarem-se reciprocamente de ignorância; autores reproduzirem artigos elogiosos, frutos de camaradagem de seus confrades.

Isto ainda não é o pior resultado deste funesto abuso que os interessados chamam de **liberdade de imprensa**. Se ela se tornou a grande corruptora dos costumes é sobretudo devido às publicações anônimas.

A lei determina que todo artigo que não provenha da redação seja assinado; mas, a administração dos jornais tem contornado facilmente este dispositivo graças à indústria dos **testas-de-ferro**, nome com que se designam as pessoas que têm por ofício assumir a responsabilidade de artigos difamatórios que poderiam provocar da parte dos ofendidos perseguições e até condenação a alguns meses de prisão. O número dos que exercem esta triste profissão, no Rio de Janeiro, é muito grande e a própria administração dos jornais se incumbem de arranjá-los mediante preço estipulado. Tais artigos aparecem comumente assinados por um pseudônimo; o original ou autógrafo, com a assinatura do autor ou, no mais das vezes, do testa-de-ferro, permanece em mãos do diretor do jornal para o caso de ser apresentada pela vítima alguma queixa à autoridade judiciária. Quase sempre a vítima, em presença de um nome desconhecido ou, ao contrário, bastante conhecido para não ser menosprezado, renuncia às queixas dispendiosas e que nunca atingem os verdadeiros culpados.

Nessas publicações anônimas a licença não conhece limites. Enquanto o gabinete que ocupa o poder procura defender seus atos com moderação, seus adversários não recuam ante qualquer violência e o próprio monarca não está livre de seus ataques. Soldados queixando-se de seus oficiais; oficiais superiores injuriando o Ministro da Guerra; criminosos insultando seus juizes ou tentando aliciar em seu favor o próprio júri. É aí que explodem os ódios e confluem as pequenas intrigas de aldeia.

Não há pessoa, por mais honrada que seja, cuja reputação não possa ser impunemente manchada pelas mais torpes calúnias de seus inimigos e a elas não escapa ninguém que pertença à política ou ao governo. O estrangeiro que pretender observar os costumes locais e que tome por base os jornais, fará uma triste idéa, quase sempre falsa, dos homens e das coisas do Brasil, e será com uma surpresa mista de pesar que, posto mais tarde em contato com personalidades cruelmente atacadas, ou mesmo conhecendo melhor os serviços administrativos de que fazia mau juízo, reconhecerá a injustiça das prevenções involuntárias que lhe surgiram em mente.

A interpretação da lei tem sido de tal modo forçada que não é raro que um artigo difamatório devidamente assinado seja atribuído à responsabilidade de um **testa-de-ferro**, isto é, que seu original traga a

assinatura deste último, tornado único responsável por esta estranha ficção.²⁷

Esta colaboração do público aos jornais, da maneira como ela é feita, constitui, como se vê, um dos piores abusos existentes no Brasil. É deplorável que os poderes públicos não ponham termo a essa situação por uma lei seriamente executada, que torne a direção dos jornais civilmente responsável por todos os artigos que receberem do público.

A parte editorial da imprensa, isto é, aquela que corre por responsabilidade da redação, em geral é redigida com moderação.

Vê-se também aparecer de tempos em tempos folhas cujo único objetivo é a exploração do escândalo, e nas quais, tanto nos editoriais como nos "a pedidos" são atacados e caluniados com extrema baixeza não só personalidades vítimas de covardes inimizades, mas o próprio monarca em sua vida particular.²⁸

A liberdade ou, melhor, a licença de imprensa é absoluta no Brasil. O governo, pelo menos de alguns anos para cá, tem tolerado os abusos mais gritantes. Mas ocorre que ele tem, também, não raro, permitido à vingança particular substituir a pública, fraqueza que se lamenta ainda exista num país civilizado.²⁹

A imprensa ilustrada conta, no Rio, com alguns órgãos, bem como a literária e a científica. Também as diversas colônias estrangeiras são igualmente representadas por jornais publicados nas respectivas línguas.³⁰

(Trad. de Odilon Nogueira de Matos.)

*

(27) Ver a coleção dos jornais de 27 de fevereiro e 2 de março de 1883.

(28) Ver, entre outros, a coleção do *Corsário*, de 1881 a 1883.

(29) O mais triste exemplo do resultado desta tolerância foi o assassinato do redator do *Corsário*, em pleno dia, no centro da cidade, a poucos passos da polícia, aonde ele ia pedir providências (28 de maio de 1883). Este crime ficou impune.

(30) O que escrevemos acima sobre os a pedidos não se aplica, de maneira geral, senão aos jornais políticos, excluindo-se, portanto, as publicações ilustradas, literárias, científicas, bem como os jornais estrangeiros. Estes, aliás, gozam da mesma liberdade e, às vezes, também aceitam a pedidos anônimos.